

Olhar dos muros da cidade: uma cartografia discursiva do infraordinário

Bianca Fazioni* 

Valdir Prigol 

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Brasil

*Correspondência: biancaobregon0@gmail.com

RESUMO

Como *olhar* e ver aquilo que nos rodeia? Interpelados pela ideologia neoliberal que nos diz que precisamos ser donos do nosso próprio destino, que somos os responsáveis por aquilo que nos acontece, que não há tempo a desperdiçar, estamos sempre correndo atrás de algo, com pressa. Em um desses dias comuns, vivendo o “infraordinário” enquanto ia para a universidade, flagrei em um muro pelo caminho: Olhar. Então olho e vejo, em um segundo de atenção ao momento presente. Parece que a cidade fala, me diz alguma coisa. Uma pichação, em um muro qualquer da cidade de Chapecó (SC). **Olhar**. Paro e olho, e a partir dessa minha relação com esse discurso verbal, mas também imagético, começo a produzir sentidos. Qual a diferença entre olhar e ver? Vejamos então por onde meu olhar irá me guiar.

PALAVRAS-CHAVE:

Pichação
Discurso urbano
Olhar
Análise de discurso
Infraordinário
Ideologia neoliberal

SUBMETIDO: 10 de fevereiro de 2026 | **ACEITO:** 10 de março de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Descrevendo o que vejo: um atlas e uma geografia do Olhar

Quantas vezes passamos pelos mesmos lugares, as mesmas paisagens, percorrendo os mesmos caminhos, desenvolvendo nossas atividades corriqueiras e cotidianas. Desapercebidos, costumamos correr, há sempre muito a ser feito. Quantas construções, novas e antigas, constituem aquilo que chamamos de “minha cidade”? Quantos tijolos precisamos para construir um muro, e quantos muros precisamos para construir uma pequena metrópole como Chapecó, no oeste de Santa Catarina? Em um dia comum, indo para a universidade, eu vejo: **Olhar**. Uma pichação em letras gordinhas (ou letras de bolha) em escrita simples, de fácil leitura, feita com tinta (provavelmente spray) da cor preta.

Após enxergar algo é possível parar de ver? Depois de perceber um **Olhar**,

outros saltam aos meus olhos. Ao todo foram 29 pichações dessa palavra encontradas até o momento¹, nas mais distintas regiões da cidade. Os muros variam, e os tamanhos também, de pequenos espaços vazios próximo a lixeiras, restos de construções demolidas, paredes provisórias em terrenos baldios a muros de grandes empresas. Os *olhares* são múltiplos, mas quase nunca muito elaborados. (É preciso ter simplicidade no olhar?) Em tudo isso percebo que há uma regularidade. Lhes apresento meu atlas do **Olhar**.



Figura 1: Atlas do Olhar. Fonte: criado pela autora.

O primeiro **Olhar** (1) que encontrei foi em uma parede de tijolos a vista, escrito em letras gordinhas com o contorno preto e uma pintura (rabiscada) em branco. No dia que enxerguei a pichação o muro era apenas o guardião de um terreno baldio, localizado em uma rótula próximo ao frigorífico da Aurora no bairro Efapi em Chapecó. Após uns dois meses desse primeiro contato, no dia em que fui tirar a foto² - que compõe esse pequeno atlas do “olhar” - já havia sido

¹ A escrita deste texto foi concluída em 13 de novembro de 2024.

² As imagens foram capturadas em 8 de dezembro de 2024.

erguida boa parte da construção que abrigará um novo mercado atacadista, as mudanças ocorrem rápido no corpo vivo que constitui a cidade. Enquanto coisas novas são erguidas, outras são apagadas, derrubadas, demolidas. O segundo **Olhar**, dos que foram vistos por mim, encontrava-se em uma esquina em frente ao mercado Moura, no Centro do município. As letras gordinhas traçadas com contorno preto (e nada mais) desapareceram no movimento constante da cidade. A parede que sustentava esse dizer era uma daquelas provisórias de madeira que cobria a construção de uma farmácia. Após a inauguração a parede desapareceu - e o **Olhar** também.

O terceiro **Olhar** (2) possuía as mesmas letras de bolha delineadas com contorno preto, entretanto estas eram preenchidas com a cor ciano (ou verde-água). Parecia ser um picho um pouco mais elaborado que os vistos anteriormente, a forma com que foi desenhado, com o jogo de sombras da cor preta e a pintura sólida, nos fez termos essa interpretação. Essa pichação estava localizada em uma parede próxima a parada de ônibus, no Atacadão em frente a BRF, na rua Afílio Fontana. Uma das coisas que me chamaram a atenção foi que esse desenho tinha uma espécie de assinatura: AQS? Não consegui identificar, nem recuperar quem poderia ser o autor, entretanto outro **Olhar** também possuía a mesma identificação.

Talvez não aleatoriamente a pichação que possuía a mesma "assinatura" tinha também características muito próximas desse outro desenho. Se mantém o exterior contornado pelo preto e a pintura sólida com o ciano, a diferença é um olho desenhado na letra "O". Esse picho estava localizado em um muro branco da Subestação II da Celesc, na Avenida Leopoldo Sander, e foi o décimo terceiro **Olhar** (3) a ser descoberto.

Em um primeiro momento me questionei se havia alguma regularidade nos "Olhares", pelo menos em relação aos locais em que se encontravam. Mas a minha investigação não chegou a conclusões a esse respeito, aparentemente são lugares aleatórios e distintos da cidade. Vejamos a constituição daquilo que intitulei como "Geografia do Olhar", para que vocês possam tomar suas próprias interpretações.

Os **Olhares** se fazem presentes em outros lugares, como no muro da escola Prof Nelson Horostecki, no centro da cidade. Produzido sob uma parede verde, o picho é desenhado com tinta preta e rabiscado com branco. No portão do Parque da Efapi, a pichação também foi feita sob um fundo verde, com traços pretos e preenchimento branco, a diferença é uma espécie de olhos que o artista coloca na letra “a”, cuja expressão parece ser uma “letra triste” e não uma carinha sorridente, como a descrita anteriormente.

Na passarela elevada para pedestres, próximo ao Parque Efapi, vimos dois **Olhares**, em uma espécie de “dobra” da parede, que permite que passantes de ambos os sentidos da Avenida Afílio Fontana enxerguem a pichação (7). Os desenhos são pequenos e simples, traçados com tinta preta.

Além dos pichos feitos em muros de empreendimentos, enxerguei outros tantos em casas particulares, restos de paredes, próximo à lixeiras e em construções abandonadas. No bairro Efapi encontrei uma pichação que ocupava boa parte da parede frontal de uma casa, o **Olhar** (8) foi escrito com letras grandes em contorno preto, preenchido de cor rosa e era acompanhado de reticências. Exatamente com as mesmas características percebi uma pichação em uma residência ao lado do Pronto Atendimento da Efapi.

No centro, próximo ao Mercado Priscila, na rua Marechal Floriano Peixoto, vi um **Olhar** (9) na parede ao lado da garagem de uma casa, os traços - pouco elaborados - em preto e a pintura rabiscada em branco, acompanhados de reticências. A sensação que tive ao me deparar com esse picho foi de que o artista parecia ter pressa. As reticências - seja nessa ou em outras pichações - me remetem à ideia de que este é um pensamento que ainda está em andamento, havia algo a mais a ser dito? O picho não parece estar terminado.

Em muros aleatórios e restos de construções vi alguns **Olhares**, como em uma parede cinza próximo a rótula entre as avenidas General Osório e Fernando Machado, em que um grande **Olhar** (10), com traços simples em preto e preenchido de cor amarela, pode ser visto por aqueles que transitam por ali. Ainda na General Osório, em frente a Aurora, enxerguei uma pichação (11) em uma parede provisória com restos de lata e madeira, as letras gordinhas traçadas e pintadas em preto apresentam também uns borrões na tonalidade ciano, cuja cor está presente em outro picho (de outra palavra) ao lado.

Nas imediações do posto Ipiranga - também entre as avenidas General Osório e Fernando Machado - encontrei um **Olhar** (12) no alto de uma parede cinzenta. O que parece ser restos de uma construção, ou de algum empreendimento que parecia estar ali antes, mas que já não existe mais, colore-se com o tom laranja que compõem a pichação. Esse desenho é traçado em preto com diferentes larguras dando a sensação de profundidade, preenchido com a cor laranja e também com alguns detalhes em branco, me instigando a pensar que talvez esse picho tenha sido produzido com mais calma e tempo, sem a pressa que emerge em outras obras já descritas. O fato curioso é que, esse **Olhar** encontra-se no alto, próximo ao teto da construção abandonada, algo em torno de três metros de altura.

Houve ainda os pichos encontrados próximos a lixeiras (ou nas próprias lixeiras). Dois deles estavam no bairro Efapi, um em frente a uma residência, no qual o **Olhar** (13) simples, apenas com letras traçadas em preto, compunha parte do pequeno concreto que formava a lixeira. Já outro estava no muro atrás da lixeira (14), também com traços pretos, mas preenchido de branco. Ao redor da pichação encontramos uma grande quantidade de lâmpadas descartadas imprópriamente na calçada. Me questiono, então: o que devemos *olhar*?

Um dos maiores **Olhares** que encontramos foi próximo ao Shopping Pátio (15), na Avenida Getúlio Vargas. O picho ocupava mais da metade da parede branca, restos de uma construção demolida a pouco. O desenho simples, feito somente com letras pretas traçadas, se impõe por seu tamanho. Entre a poeira das coisas quebradas - ou demolidas - e para encerrar essa seção, me lembrei de um **Olhar** que encontrei no portão da garagem de um clube noturno da cidade, mas que acabou também desaparecendo após ser derrubado.

Destaco que não descrevi aqui todas as 29 pichações encontradas, mas busquei abordar a multiplicidade das características dos desenhos e dos locais em que vi cada uma delas. Acredito que mesmo aquelas que não foram mencionadas se encontram contempladas pela exposição realizada. Enquanto escrevo o texto continuo a enxergar **Olhares**, em um *continuum*, como se a cidade dialogasse comigo (ou seja, alguns olhares agora vistos acabaram ficando de fora).

Após a exposição desse "Atlas dos Olhares" e antes de prosseguirmos com

o texto, afirmo de antemão meu posicionamento: picho é arte. Digo isso, pois historicamente há uma luta de opiniões na constituição desse fazer, algumas pessoas acreditam que o picho suja a cidade, é depredação de patrimônio, é vandalismo, e definitivamente não se enquadra como arte. Posteriormente, pretendo debater mais sobre a constituição do picho, mas inicialmente me detenho em algumas características deste. A pichação é um tipo de escrita simples que ocupa espaço entre os concretos de uma cidade, e que pode carregar um sentido de protesto ou simplesmente de livre expressão, como assinaturas, por exemplo. Nem sempre as letras são compreensíveis, tendo em vista que grupos de pichadores podem possuir seu próprio alfabeto e estilo de escrita (normalmente nomeia-se *pixação* esse tipo de escrita). Na pichação analisada as letras são compreensíveis, em uma mistura de picho com grafite (intitulada por alguns como *grapixo/grapicho*).

Percebo que uma das características principais do picho se mantém nas artes analisadas: é quase impossível saber quem é o autor. Mesmo havendo uma determinada assinatura em alguns dos **Olhares**, não conseguimos decifrar esse código. Quem nos diz para *olhar*?

Nesse anonimato do autor, algumas coisas se perdem, mas tantas outras se tornam possíveis. O picho está feito. O olhar está estampado na parede. E então, o que interpretamos disso? As relações possíveis que se estabelecem não podem mais ser controladas. Os sentidos podem sempre ser outros, não se encontram vinculados *a priori* na palavra, ou na obra de arte em si. É sempre um gesto de interpretação a partir de algo que nos toca, daí em diante, o que construímos nessa nossa relação com o objeto, é uma proposta de intervenção no mundo, no modo de enxergar as coisas.

Quem me diz para Olhar?

As perguntas que constituem os dois subtítulos deste artigo são as mesmas que me perturbam desde o primeiro contato com a pichação aqui discutida: 1) *Quem me diz para olhar?* e 2) *O que devo olhar?* Afirmo que a segunda questão me inquietou antes que a primeira. Mas decido discorrer inicialmente sobre a primeira apenas por um único e simples motivo: se soubesse *quem me diz para olhar* poderia perguntar a esse sujeito para onde/o que olhar, contudo, se eu

apenas soubesse para o *que olhar*, ainda assim não saberia quem diz isso para mim. A partir desse raciocínio (que não sei se possui proporções lógicas), a primeira questão aqui trabalhada acabou ocupando minha cabeça por muito mais tempo, e me causando uma curiosidade incômoda. Posso conjecturar sobre o que olhar, tecendo interpretações tão minhas que me sentiria autorizada a falar com propriedade sobre a pichação. Mas a ausência da autoria, a falta desse *quem* que me diz algo, não pode ser preenchida por qualquer dedução.

Se a falta nos move, opto então por iniciar a discussão me apoiando nesse vazio. Nas primeiras pichações vistas, a dúvida sobre quem produziu tal obra se fez como ruído baixo em meus questionamentos, até me motivando a algumas conjecturas sobre pessoas que poderiam ser as autoras (sem conclusões). Após alguns dias sem respostas, e com a curiosa ausência ainda mais latente, começo a deslocar esse sentimento para uma resposta. Nossa cabeça faz isso, busca aliviar e preencher nossos vazios tentando nos acalmar. Durante esse período, eu via vários **Olhares** por dia, seja nos menores passeios matinais, ou nos longos trajetos até a universidade, o **Olhar** estava sempre me encarando de volta. Foi nessa época que encontrei cerca de 12 pichações dessas em apenas uma semana, e o vazio da autoria foi se tornando uma sensação de que o alguém que me dizia para *olhar* era na verdade a própria cidade.

Partindo desse pressuposto, me instiguei com a possibilidade de uma cidade que fala, e me surpreendi ao encontrar textos que tratavam de uma perspectiva semelhante ao abordar um dos importantes elementos urbanos: a arquitetura.

A função atemporal da arquitetura é criar metáforas existenciais para o corpo e para a vida que concretizem e estruturem nossa existência no mundo. A arquitetura reflete, materializa e torna eternas as idéias e imagens da vida ideal. As edificações e cidades nos permitem estruturar, entender e lembrar o fluxo amorfo da realidade e, em última análise, reconhecer e nos lembrar quem somos. A arquitetura permite-nos perceber e entender a dialética da permanência e da mudança, nos inserir no mundo e nos colocar no continuum da cultura e do tempo. (Pallasmaa, 2011, p.67)

Para o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa, a arquitetura é “a arte de nos reconciliar com o mundo”, sendo primordialmente mediada pelos sentidos. Não por acaso, o título de uma de suas obras é *Os Olhos da pele*, que demonstra a busca do autor em enfatizar a importância dos sentidos na relação estabelecida

entre sujeitos, experiências, memórias, e o ambiente urbano. Segundo Pallasma, todas as cidades, lugares que já estivemos, se transferem para a memória de nosso corpo, constituindo também aquilo que somos. Posso considerar que a cidade não só fala comigo, mas também constitui aquilo que sou.

Ao me deparar com os escritos de Pallasma e pensar a arquitetura como essa forma de “entender e lembrar o fluxo amorfo da realidade” me recordei de um trecho do crítico literário Chklovski, ao tratar sobre a arte como forma de “devolver a sensação de vida”.

E eis que para devolver a sensação de vida, para sentir os objetos, para provar que pedra é pedra, existe o que se chama de arte. O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma e aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato de percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado; a arte é um meio de experimentar devir do objeto, o que é já “passado” não importa para a arte. (Chklovski, 1914, p.45)

Ao ter contato com a pichação do **Olhar** experimento essa sensação. A arte criada nas paredes da cidade, agora constitui a arquitetura urbana e pode causar interpretações distintas aos sujeitos que passam por ela. Alguns talvez nem a notem, outros sentem-se mexidos, convidados a experimentar essa “sensação de vida”. A pichação me convida a desautomatizar o olhar. É a interpretação que faço. E a arte, como um todo, não nos deixa assim? Enfraquecidos? Não, prefiro dizer: sensíveis! Seja em relação aos grandes acontecimentos, ou às pequenas coisas do dia-a-dia, a arte nos instiga a enxergar e sentir.

Somos moldados, ou constituídos, pelas paisagens que observamos, pelos lugares em que vivemos, pelas artes que nos sensibilizam. As vivências são únicas, contudo considero que (além da arte) o espaço urbano possui um papel singular na construção de nossa experiência existencial. Nelson Peixoto, filósofo e sociólogo brasileiro, dialoga com essa perspectiva, ao desenvolver uma reflexão sobre a arte e o lugar, em um sentido amplo, que considera as obras de arte como “intervenções num espaço mais complexo”. Peixoto (1996) descreve tais intervenções como uma “nova disposição da paisagem”, mas que não é transparente.

A cidade não é um horizonte que se descortina aos nossos olhos. A arte contemporânea nasce do confronto com esta opacidade, em

que o muro de concreto dos prédios se assemelha ao chão de pedra das calçadas e o fosco das superfícies refletoras impedem qualquer transparência. Surge do convênio com coisas que se recusam a partir, intumescidas, amorfas, amontoando-se umas sobre as outras. (Peixoto, 1996, p.149)

Dentre esse “amontoado” de coisas, algo na cidade prendeu nossos olhos, Peixoto (1996) descreve essa relação entre arte e o urbano como uma forma de “despertar a experiência do mundo”, compreendendo-a como expressão. Há uma relação definida entre arte e lugar, ambos se imbricam. Considero que, ao separar a cidade dos **Olhares** pichados em seus muros, haveria um rompimento nos sentidos instituídos até então. O picho se constrói no e pelo urbano. É uma voz da cidade, que constitui o corpo vivo que a forma. A relação com o lugar é intrínseca.

Considero as pichações como intervenções urbanas, que variam na forma de atuação, suporte e modo de expressão. Silva (2007) com o objetivo de produzir uma classificação das expressões gráficas urbanas, tece uma ampla discussão sobre as distintas características da pichação - e demais artes urbanas. Em seu trabalho o autor analisa pichações do município de São Paulo e percebe que apesar das diferenças nos estilos e nomenclaturas, as artes acabam subvertendo a arquitetura da cidade.

As pichações compõem o contexto urbano, como uma espécie de ocupação visual, espalhadas em diversos espaços, podendo ser facilmente captadas por aqueles que transitam pela cidade. Silva (2007, p.21) considera esse estilo de arte como uma forma de transgressão, que visa marcar presença a partir da subversão do suporte. “Muitas vezes o nome pichado é repetido como uma espécie de carimbo pela cidade”, como ocorre com o **Olhar** que encontrei em Chapecó, em uma regularidade que me surpreendeu. Me questiono se, essa palavra, escrita de forma tão recorrente se caracteriza como um projeto amplo, um símbolo, uma ideia a ser compartilhada, ou seria apenas uma assinatura qualquer.

Apesar de todas as questões imagéticas, artísticas e subversivas que compõem a pichação, ela não se configura apenas (e/ou obrigatoriamente) como um gesto estético, seja no que tange a sua forma ou seu conteúdo. Os pichadores costumam privilegiar a palavra (tipografia), que quase sempre são simples, com pouca cor (normalmente apenas uma). Nesse sentido, após realizar algumas leituras, percebo que algumas das artes do “Olhar” encontradas por

mim, se enquadram no que podemos considerar como grapicho, a fase intermediária entre a pichação e o grafite, no qual as letras costumam possuir duas ou mais cores, com alguns símbolos, e alguma noção de volume e luz na construção do desenho.

Mesmo entre o picho e o grapicho, uma das características que parecem se manter é de que os suportes para a produção das artes não parecem ser autorizados, “são sempre tomados de assalto” (Silva, 2007, p.21). Ao me deparar com a ampla gama de locais em que encontrei o **Olhar**, conjecturo que tais suportes não tenham sido cedidos, mas sim escolhidos aleatoriamente. Para Silva (2007, p.21-22) a pichação “em si é aleatória e anárquica” na qual “o pichador propõe um novo significado para o local, ele transforma a cidade com suas escrituras”. Percebemos que a partir disso surgem pelo menos dois tipos de intervenções: a do pichador que subverte o local exercendo sua livre expressão, e a do sujeito que se depara com o picho e que pode produzir uma interpretação daquilo que vê.

Orlandi (2004), ao falar sobre a textualização do corpo, trabalha com a força que a letra possui ao marcar o sujeito enquanto sujeito, essa entrada no simbólico, que abre a possibilidade de autoria. É na nossa relação com a letra, com o simbólico, e porque não, com o urbano, que nos significamos, a nós mesmos enquanto sujeitos, e também vamos estabelecendo relações, leituras, interpretações, *olhares* sobre o mundo que nos rodeia.

[...] os dizeres transbordam da publicidade (outdoor) para a rua, daí para o próprio sujeito que toma a si o gesto da autoria e passa ele mesmo a textualizar toda a superfície do espaço em que vive, o espaço urbano. Desenha, escreve, assina por toda parte: é a prática do grafite, da pichação, do tag. Principalmente nos lugares inacessíveis. Não raras vezes, nem se entende o que está lá, pois é preciso ser iniciado. Mas não é isso que está em causa. O que está em causa é a autoria, a assinatura (tag). Nem se trata de uma autoria individualizada, mas do grupo. Pertencimento a um grupo. Pertencimento à cidade. Pertencimento a uma sociedade. Apropriação de “seu” espaço, no espaço público, publicizando sua presença. (Orlandi, 2004, p.125)

O problema da autoria parece ter sido resolvido, não se trata mais de buscar descobrir quem nos instiga a **Olhar**, por isso, partimos para o que faremos dessa nossa relação com esse picho.

A pichação é subversiva pelo simples fato de propor uma intervenção no

urbano, impor uma voz às ruas, sugerir aos passantes que façam suas próprias interpretações, transgredindo os limites daquilo que consideramos arte. Mas como *olhar* e *ver* aquilo que compõe o que chamamos de cidade? O picho é apenas um dos tantos detalhes que constituem as paisagens urbanas que nos cercam diariamente. Em nossa imersão no infraordinário nem sempre estamos atentos para olhar. “Um olhar que não pode mais ver, colado contra o muro, deslocando-se pela sua superfície, submerso em seus despojos. Visão, sem olhar, tátil, ocupada com os materiais, debatendo-se com o peso e a inércia das coisas. Olhos que não vêem.” (Peixoto, 1996, p.149).

Um dia comum indo para a faculdade. Olhar. Então *olho* erguendo a cabeça, algo me incomoda. Olhar o que? Quem diz isso para mim? Percebo que por alguns instantes me fiz presente no agora. De quanto tempo precisamos para ver uma nova - ou antiga - construção, um muro quebrado? Quantos dias levamos para sentir falta de algo ausente, uma árvore derrubada, um prédio demolido? Moro em Chapecó há um ano e oito meses e quanto dessa cidade ainda não percebi? A correria do dia-a-dia nos impõe uma espécie de cegueira? Olho e vejo, a cidade diz algo para mim. É preciso olhar. Ou como diz Saramago em *Ensaio sobre a cegueira*: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

O que devo olhar?

Me pergunto se os **Olhares** já estavam lá estampados em todos esses lugares nas outras vezes que passei por eles antes da primeira vez que os vi. Talvez sim, provavelmente sim (apesar de alguns terem surgido ao longo da minha pesquisa), o fato é que antes eu não enxerguei. “O invisível não é, porém, alguma coisa que esteja para além do que é visível. Mas é simplesmente aquilo que não conseguimos ver. Ou ainda: é aquilo que torna possível a visão” (Peixoto, 1996, p.15).

O invisível como possibilidade de visão, aquilo que até então não víamos mas passamos a enxergar. Aquela ausência-presente que compõem os locais que vivemos. Não tomamos consciência de tudo que nos rodeia, seria impossível, ou no mínimo, improvável. E tudo bem. Se nos constituímos enquanto sujeitos a partir das nossas experiências, dos lugares em que vivemos (e conhecemos), dos livros que lemos, das artes que nos tocam, a subjetividade também compõe nosso olhar sobre as coisas, nem tudo poderá ser visto. “Está nosso olhar limitado a

nossos sentidos, a nossas avaliações, a nossa subjetividade? Um olhar que, infinitamente, se refletiria em seu próprio espelho" (Random, 2002, p.27).

Nessa minha relação estabelecida com as pichações do **Olhar**, interpreto que talvez o ponto principal não seja para onde/o que devo olhar, mas a ação em si. O ato de olhar, basta. Parar e ver. Enxergar aquilo que se torna submerso em nosso cotidiano. Aquilo que costumamos não ter tempo, paciência, fôlego para enxergar ao longo de nossos dias corridos. A autora Marília Garcia (2018, p.27) nos instiga nessa perspectiva: "acordar/ abrir os olhos lentamente/ e ver/ nosso dia-a-dia é feito de ações que não nomeamos:/ pegar um livro/ virar a página/ digitar essas letras/ balançar a cabeça/ - seria possível nomear isso que acontece?/ o extraordinário comove/ fica evidente:/ guerra/ desastres/ morte/ mas como ver o *infraordinário*?".

Marília estabelece um diálogo com Perec (2013) que movimenta a noção de *infraordinário* buscando pensar acerca das coisas banais (mas relevantes) que deixamos de lado ao depositarmos nossa atenção aos grandes acontecimentos. O autor destaca que vivemos olhando para o extraordinário, as catástrofes, os conflitos sociais, as comoções históricas, mas interroga:

Lo que pasa realmente, lo que vivimos, los demás, todo lo demás ¿dónde está? ¿Cómo dar cuenta de lo que pasa cada día y de lo que vuelve a pasar, de lo banal, lo cotidiano, lo evidente, lo común, lo ordinario, lo *infraordinario*, el ruido de fondo, lo habitual? ¿Cómo interrogarlo? ¿Cómo describirlo? (Perec, 2013 , p.14)

Perec, e posteriormente Marília, propõem uma forma de olhar para o mundo, de se relacionar com aquilo que nos cerca. Aquilo que ignoramos enquanto fazemos as coisas realmente "importantes", são futilidades? Os autores nos convidam a enxergar, observar e descrever as trivialidades que até então ignoramos.

E quando olhamos e vemos, qual é a sensação ao nos depararmos com o *infraordinário*? O conto *O cooper de Cida* narra a história de uma mulher que costumava viver sua vida correndo. Ela corria desde criança, para fazer simplesmente tudo, seja para as obrigações, ou para os prazeres. Corria o tempo todo, talvez em um ímpeto de "vazar o minguado tempo de viver". Em um dia a personagem se depara não mais correndo, mas caminhando lentamente pela praia do Rio de Janeiro, cidade em que vivia, em um trajeto percorrido todos os dias, e sua relação com o lugar muda. A percepção das coisas que constituem

aquela paisagem aumenta, sente os movimentos das ondas do mar e percebe que aquela era a primeira vez em que *via* o mar. “Cida levou a mão ao peito. Sentiu o coração e os seios. Lembrou-se então que era uma mulher e não uma máquina desenfreada, louca, programada para correr correr”. Conceição Evaristo (2016, p.68) parece, assim como Marília, nos provocar ao movimento de *olhar e ver*.

Ao me deparar com o **Olhar** pichado em um muro qualquer das ruas de Chapecó, me permiti viver o momento presente, em uma espécie de subversão à pressa imposta pela ideologia neoliberal, em um ato de resistência (como narrado por Marília e Evaristo).

Enquanto tenho um encontro com todos esses **Olhares**, textos literários, e também de produções de distintas áreas de pesquisa, aprofundo minhas leituras em Análise de discurso, já que minha tese de doutorado (que escrevo ao mesmo tempo em que desenvolvo esse texto) se vincula a essa perspectiva. Sendo assim, trago algumas reflexões de Pêcheux (2014) que retoma pontos específicos trabalhados por Althusser (2023) no que tange ao papel da ideologia em nossa constituição enquanto sujeitos. Ao considerar a existência de uma ideologia dominante há a constatação de que existe a possibilidade de resistência (ainda que essa também esteja dentro da ideologia, seja ela qual for). A análise de discurso, construída também a partir das considerações da psicanálise e do materialismo, entende os lapsos, atos falhos, chistes como forma de fissura na própria ideologia dominante.

No trabalho de Pêcheux, percebemos a presença constante das reflexões sobre a luta de classes, e compreendemos que as ideologias dominadas se formam na própria localização da dominação. Parece que tais fissuras, falhas, tropeços afetam a ideologia dominante de forma irremediável. O autor ainda considera que se “a revolta é contemporânea à linguagem, é porque sua própria possibilidade se apoia numa divisão do sujeito, inscrito no simbólico” (Pêcheux, 2014, p.279). É nesse sentido que interpreto o que Pêcheux diz ao afirmar que: 1) não há dominação sem resistência (é preciso “ousar se revoltar”) e 2) ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja (é preciso “ousar pensar por si mesmo”).

A análise de discurso como uma disciplina de teoria-política parece nos fazer um convite. E como podemos tecer tais gestos interpretativos (e de intervenção) a

partir de nosso contexto sócio-histórico ideológico? Em um mundo acelerado, no qual os sujeitos são interpelados pela ideologia dominante capitalista e afetados pelo pensamento neoliberal que nos exige que sejamos produtivos (reprodução dos meios e forças de produção) o tempo todo, que formas de resistência nos são possíveis? Enxergo a pichação como uma dessas fissuras, a possibilidade de subversão. Então *olho* erguendo a cabeça. Paro e vejo. A cidade, as pessoas, o céu, a natureza, os pássaros, a tela em branco enquanto escrevo, o barulho que meu próprio corpo produz ao respirar. Existe subversão maior do que simplesmente *olhar* em um mundo que nos demanda produção (e nos julga pela meritocracia)? A partir desta pichação, que me desacomodou e mexeu comigo, proponho o meu gesto interpretativo, a minha intervenção: é preciso ousar *olhar* por si mesmo.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 39-56.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- GARCIA, Marília. *Parque das ruínas*. São Paulo: Luna Parque, 2018.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura dos sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 2014.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: SENAC São Paulo, 1996.
- PEREC, Georges. *Lo infraordinario*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2013.
- RANDOM, Michel. O território do olhar. In: SOMMERMAN, Américo; MELLO, Maria F. de; BARROS, Vitória M. de (orgs.). *Educação e transdisciplinaridade II*. São Paulo: Triom, 2002. p.201-215.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SILVA, Gustavo Lassala. *Os tipos gráficos da pichação: desdobramentos visuais*. 2007. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

The Gaze of the City Walls: A Discursive Cartography of the Infraordinary

ABSTRACT

Key Words:

Graffiti
Urban discourse
Look
Discourse Analysis
Infraordinary
Neoliberal ideology

How can we look and truly see what surrounds us? Interpellated by neoliberal ideology that tells us we must be masters of our own destiny, that we are responsible for what happens to us, that there is no time to waste, we are always running after something, in a hurry. On one of those ordinary days, living the “infraordinary” as I was heading to the university, I came across a wall along the way: *Look (Olhar)*. So I look and see, in a second of attention to the present moment. It seems the city speaks, it tells me something. A piece of graffiti, on an ordinary wall in the city of Chapecó (SC). *Look*. I stop and look; from this relationship with this discourse—both verbal and visual—I begin to produce meaning. What is the difference between looking and seeing? Let us then see where my gaze will lead me.

SUBMETIDO: 10 de fevereiro de 2026 | **ACEITO:** 10 de março de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
